

COLETE

ENCARNADO

VILA FRANCA DE XIRA



6.7.8
julho

2018

Propriedade
Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira

Direção
Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
Alberto Mesquita
Presidente

Edição
Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
Divisão de Cultura,
Turismo, Património e Museus
Divisão de Informação Municipal
e Relações Públicas

Ilustrações
Pormenores de desenhos
e aquarelas de Júlio Goes
Coleção do Museu Municipal
de Vila Franca de Xira

Design e Paginação
Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
Divisão de Informação Municipal
e Relações Públicas
Carla Félix

Impressão
Santos & Oliveira, Lda

Tiragem
3000 exemplares
Distribuição gratuita
junho de 2018

ESPETÁCULOS TAURINOS

ESPERAS DE TOIROS SEGUIDAS DE LARGADAS

SEXTA-FEIRA
6 DE JULHO | 18h00

SÁBADO
7 DE JULHO | 18h30

DOMINGO
8 DE JULHO | 10h30

CORRIDA DE CAMPINOS Largo 5 de Outubro

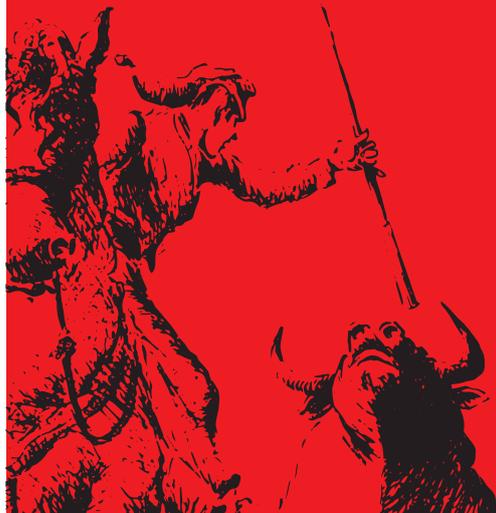
SÁBADO
7 DE JULHO | 10h30

PRAÇA DE TOIROS PALHA BLANCO

DOMINGO
8 DE JULHO | 02h00

Garraíada
da *Sardinha Assada*

8 DE JULHO | 18h00
Corrida de *Toiros*



GRANDES CONCERTOS

Palco Av. Pedro Victor

SEXTA - FEIRA
6 DE JULHO 22H30



JORGE
PALMA



CAROLINA
DESLANDES



DJ LUIS
PINHEIRO

SÁBADO
7 DE JULHO 23H00



CAPITÃO
FAUSTO



ÁGUA PÉ
FADOS E
FLAMENCO



XPTO A 69º

DOMINGO
8 DE JULHO 22H00



CUCA
ROSETA

Editorial

O Presidente da Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira

Alberto Mesquita



A Festa do Colete Encarnado está de volta, para mais três dias de celebração e de homenagem ao Campino – celebrando-se também através dele a relação umbilical das gentes de Vila Franca de Xira à vida no campo e à cultura tauromáquica. O Colete Encarnado representa hoje em dia o evento com maior atratividade turística do nosso Concelho, recebendo a cidade, nestes períodos, largos milhares de visitantes. A grandiosidade da Festa dá-nos visibilidade em muitos lugares do nosso País e noutras partes do Mundo; mas a sua verdadeira razão de ser, o que lhe confere autenticidade e motiva a sua existência ao longo de 86 anos é esta cultura, tão profundamente enraizada, do trabalho na Lezíria, entre toiros e cavalos, que ao longo de muitas décadas tiveram um papel central na atividade económica do nosso território. É esta a memória coletiva que é impossível apagar e que nos leva para as ruas, todos os anos, vivendo com intensidade de todos estes momentos que marcam as nossas tradições.

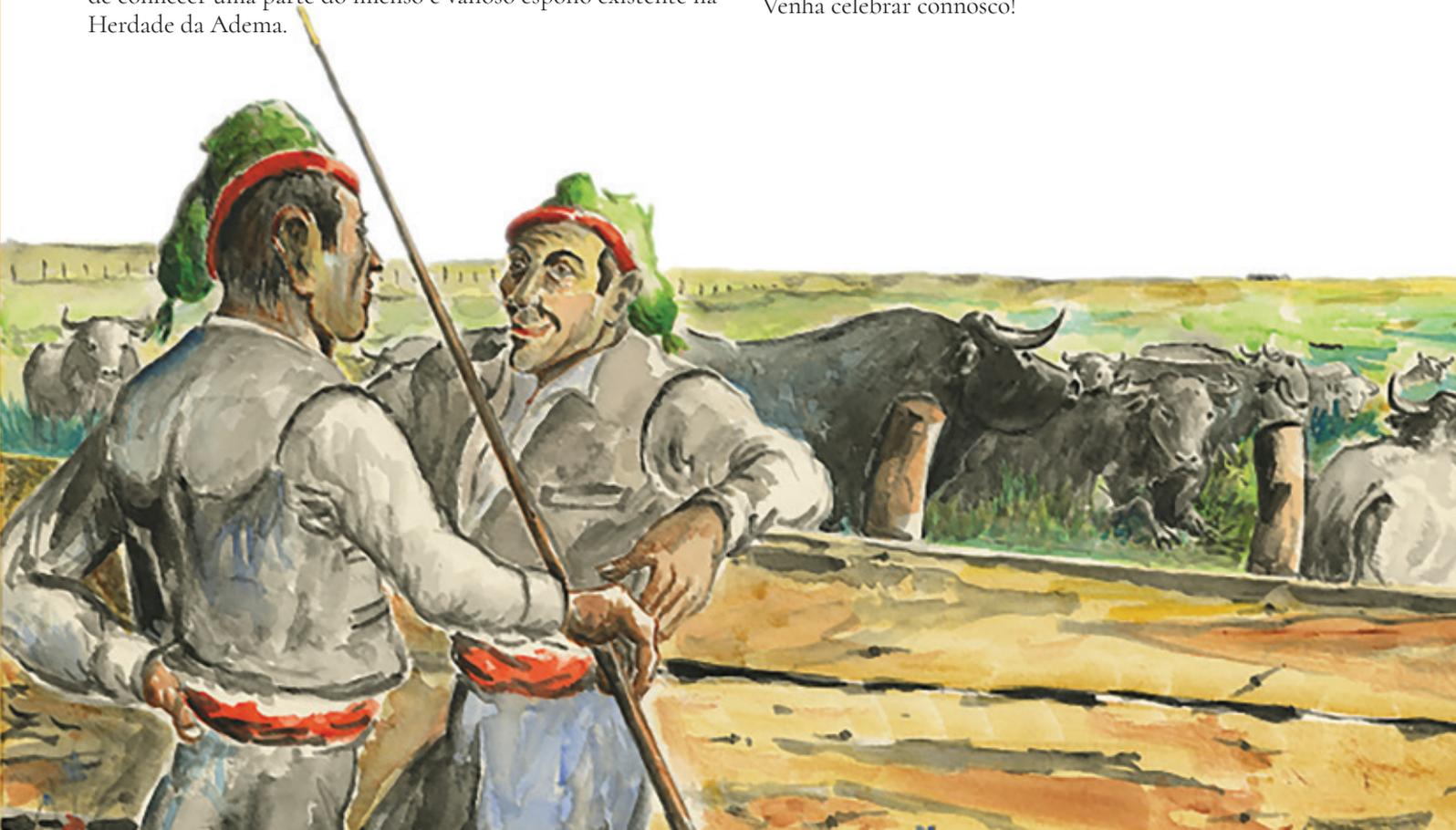
Serão três dias de Colete Encarnado, mas a antecedê-lo, teremos uma vez mais a Semana da Cultura Tauromáquica que na sua 29.^a edição, entre 29 de junho e 5 de julho, reúne ganadarias, tertúlias, associações e personalidades individuais ligadas à Festa Brava, as quais em conjunto com a Câmara Municipal, organizam um programa cultural de elevada qualidade que inclui exposições, colóquios e espetáculos tauromáquicos. Destaco a Exposição alusiva aos 170 Anos da Ganadaria Palha, que estará patente na Câmara Municipal e que nos dará a oportunidade de conhecer uma parte do imenso e valioso espólio existente na Herdade da Adema.

Nos dias 6, 7 e 8 de julho não faltarão as esperas e largadas de toiros, a Garraiada e a Corrida na centenária Praça “Palha Blanco”. Na tarde de Sábado, no Largo da Câmara Municipal, os campinos e a população irão homenagear o Sr. Joaquim José Lopes da Silva, eleito pelos seus pares, num momento sempre carregado de grande emoção e simbolismo.

Em sã convivência com todos estes momentos, a programação musical marca presença em diversos pontos da cidade. O Palco da Avenida Pedro Victor acolhe os grandes concertos, com nomes bem conhecidos da música nacional. O palco instalado no Largo do Adro é uma nova aposta da Câmara Municipal na edição deste ano, fazendo uma Festa com todos e para todos, mantendo sempre uma elevada qualidade em todas as atuações musicais. Nos seis palcos existentes, procuramos ir ao encontro dos interesses de diversos públicos, porque esta também é uma Festa que celebra a diversidade cultural e a liberdade.

Pelas ruas de Vila Franca de Xira, durante a noite da sardinha assada, com as tertúlias de portas abertas, teremos encontros e reencontros, conversas animadas, gargalhadas e sorrisos que irão certamente prolongar-se até de madrugada. A Festa do Colete Encarnado é feita de muita amizade, alegria, convívio e hospitalidade. Tudo isto é bem característico de Vila Franca de Xira, e é com tudo isto que novamente afirmamos a Tradição e a Identidade da nossa Terra.

Venha celebrar connosco!



Com quase meio século de profissão, Joaquim da Silva, o campino homenageado deste ano, continua a revelar no olhar o amor pela vida que abraçou. Mais do que uma profissão, uma vocação a que se dedicará “enquanto tiver forças”, honrando a imaculada farda que, de porte seguro e sereno, orgulhosamente enverga. Esta é a história de um menino a quem a vida fez campino, um homem que nunca quis nem soube ser outra coisa.

Campino Homenageado

Joaquim José Lopes da Silva, o bom Campino

Filho de Arminda Lopes Porfírio e de Manuel José Silva da Úrsula, nasceu há 53 anos na Herdade da Formiga, em Santo Estêvão, Joaquim José Lopes da Silva. Passaram quase 50 anos. Quarenta e oito são os que se contam desde que se iniciou na campinagem, mas é desde sempre que se lembra de ter gosto em lidar com toiros, cabrestos e cavalos. Nascido e criado neste meio, filho e irmão de campinos, foi aos cinco anos que começou a trabalhar na arte que conhece e ama como poucos. Dessa época, e das que se seguiram, antes das máquinas tomarem conta dos campos e dos tratores substituírem os cavalos, guarda a memória feliz de um tempo onde homens valentes, voluntariosos e orgulhosos, conheciam como ninguém a verdadeira bravura do Toiro. Esta história começa com um menino que guardava os bezerros que eram tirados às mães. E neste começo de vida, nesta tão tenra idade, numa história que hoje parece tão longínqua quanto improvável, nasce um amor maior pelo campo, pelos animais, pela profissão.

Num ano em que o pampilho de honra é Joaquim Isidro dos Santos, campino por quem nutre profunda e indisfarçável admiração, ser escolhido pelos seus pares para esta homenagem é motivo de grande orgulho.







Tendo de todos os intervenientes da tourada talvez o papel menos visível, na praça é o Campino quem faz a ancestral ligação ao campo, conhecendo como poucos o animal.



Ligação ao Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira

Salienta a amizade de longa data entre a sua família e o Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, desde o tempo em que José Carlos da Conceição Matos, grande amigo do seu pai, Manuel da Úrsula, era o Cabo do Grupo.



Quem sai aos seus

O terceiro de quatro irmãos, foi com o pai e irmãos mais velhos, António e José, que aprendeu a ser campino. Mais tarde, também o irmão mais novo, Gabriel vem a seguir o ofício da família. E, se no início ser campino parecia ser a única opção, o amor por aquela que, até hoje, mais do que uma profissão é uma forma de vida, veio a falar mais alto.

Aliás, quando lhe perguntam qual a característica que julga mais importante para esta profissão, responde sem hesitar: “Gostar muito”. Só assim se aguentam os sacrifícios e a dureza que lhe são inerentes.

Aos anos em que ajuda o pai e os irmãos nas casas agrícolas em que trabalhavam segue-se o trabalho na Ganadaria constituída pelo pai após o 25 de Abril, a atual Manuel José da Úrsula, Herdeiros.

Atualmente, com a retirada de José, três dos irmãos continuam a trabalhar juntos muitas vezes, ajudando-se sempre que necessário.

“Muitas vezes quando havia corridas não me deitava durante a noite para deixar tudo tratado e no outro dia abalar”

Naquele tempo em que não havia máquinas e o Campino fazia tudo, a condução das manadas, dentro ou fora das herdades, era dia e noite, chegavam a levar três dias das Lezírias para a Chamusca.

Nestas deslocações havia que respeitar o ritmo dos animais, se havia crias, animais mais debilitados, a marcha abrandava ou cessava. Era o animal a ditar o tempo e o ritmo do percurso.

Íntimo do toiro bravo desde que nasce, Joaquim da Silva é conhecedor e respeitador da sua natureza selvagem. Ganha o à vontade para caminhar desenvolto entre as reses, e aprende a antecipar e prever reações menos amistosas.

Recorda um episódio, de há muitos anos, onde percebe pelo olhar de um novilho recém ferrado, que este se prepara para a investida, e é com um saco de farinha que se defende, e orgulha-se de saber interpretar nas reações das mães o local onde escondem as crias, quase sempre o mais improvável.

Mas um (bom) campino tem que ser humilde e não se deixar tomar pelo excesso de confiança. O toiro é um animal selvagem, imprevisível, altivo.

“Às vezes na lida normal o animal está diferente. O comportamento não é o mesmo e a nossa forma de agir não pode ser igual. Temos de conhecer. Fazer a mesma tarefa usando outra técnica, seguir por outro caminho. Às vezes eles também estão maldispostos.”

Usar a inteligência mais do que a força, a perspicácia em detrimento da vara. O campino que conhece verdadeiramente o animal não precisa de ser agressivo, a não ser em caso de extrema necessidade, defende Joaquim da Silva, e é assim que gosta de trabalhar. Até porque só é campino quem tem amor verdadeiro e respeito pelos animais.

Continua a amar a vida de Campino

Pai de três filhos, duas raparigas, Ana Maria e Maria Madalena, e um rapaz, Francisco, este herda do pai o gosto pelo campo e de o acompanhar na lida, mas não fará da campinagem a sua profissão.

A conciliação das exigências de uma profissão sem horários com a sua vida familiar nem sempre foi fácil, a esposa, Maria de Fátima, Joaquim sabe-o bem, foi o pilar, a companheira de vida que muitas vezes fez “de mãe e de pai”, colmatando as suas ausências.

Hoje as condições são outras, mas a profissão continua árdua e exigente, e é entre as corridas do Campo Pequeno, onde colabora com o seu irmão Gabriel, e o trabalho no campo, na Companhia das Lezírias, que divide o seu dia-a-dia. Mas Joaquim da Silva não valoriza a luz do espetáculo em detrimento do maneo do campo e sente-se igualmente feliz nas duas funções, que lhe permitem explorar vertentes distintas da profissão que abraçou.

A mecanização dos procedimentos agrícolas que outrora dependiam apenas do labor do homem, a par do desgaste e da exigência da profissão, que a torna pouco apetecível para os jovens de hoje, são os motivos pelos quais Joaquim da Silva olha com apreensão para o futuro da campinagem. No futuro, continuarão a haver campinos, mas em menos número e com menos trabalho, considera.

Sem arrependimentos pela vida que escolheu, continuará a ser campino enquanto as suas condições físicas o permitirem fazer, por gosto e com paixão. A paixão que lhe valeu a homenagem prestada nesta edição do Colete Encarnado e que, não esconde, é motivo de grande orgulho e satisfação. Nunca tendo procurado homenagens ou reconhecimentos, e na humildade que lhe é característica, Joaquim da Silva vê nesta distinção mais um motivo para continuar a desempenhar o seu trabalho procurando fazê-lo sempre, da melhor e mais genuína maneira.

“Sabe, há uns anos atrás o trabalho do campino era só com animais. Hoje o trabalho de qualquer campino é também com máquinas. E essa é a grande diferença. Dantes, para 70 cabeças de gado havia três homens. Hoje guardam-se 200 com um homem. Hoje há outras soluções. Outros mecanismos.”

Texto: Carla Coquenim
Fotografia: Vitor Cartaxo





Decorridos 86 anos, o Colete Encarnado continua a proporcionar memórias únicas, pela tradição que encerra em momentos como a entrega do Pampilho de Honra. Este ano, a vara tem nela inscrito o nome de uma figura incontornável do Ribatejo, um dos mais antigos campinos da Festa Brava: Joaquim Isidro dos Santos, a quem os seus colegas prestam um tributo póstumo.

Pampilho de Honra

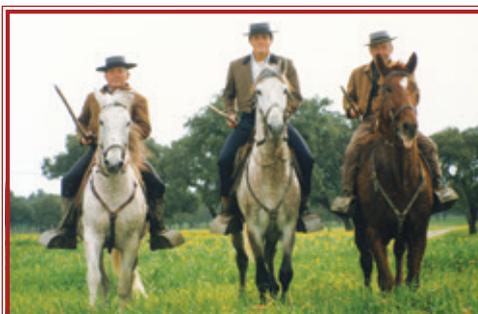
Joaquim Isidro dos Santos

Nascido em Benavente, a 17 de junho de 1926, Joaquim Isidro dos Santos já trazia no sangue a paixão pela arte da campinagem, ofício do seu pai, Manuel Isidro dos Santos (Pampilho de Honra 2001). Foi à escola até à terceira classe, mas cedo trocou as sebatas pelo campo. A sua cartilha foi outra. Primogénito em oito, distando 25 anos do irmão caçula, viu-se na contingência de ajudar no sustento da família. Guardar ovelhas foi o seu primeiro trabalho, mas não lhe alegrava a feição, pois sabia o que ambicionava: lidar o gado bravo. Não tardou. Ingressando na Casa Rafael Calado, na Herdade do Monte da Saúde (em Benavente), onde ficou por cerca de 10 anos, chegou a maioral dos toiros. Com esta Casa correu todas as afamadas praças do País.

Entretanto, chamado a cumprir serviço militar, assentou praça em Évora, passando ainda pelo Quartel da Graça, em Lisboa, regressando para se encantar por Maria Ivone dos Santos, que veio a ser sua mulher. Casou corria o ano de 1947 e não tardaram dois filhos, Joaquim Carlos e, quatro anos depois, Maria Clara.

Seguiu-se, pois, a entrada na Casa Cunhal Patrício, onde prestou serviço durante 14 anos, que o levaram além fronteiras, às praças de toiros de Madrid, Sevilha, Bilbao, Saragoça, Salamanca, Castellón, San Sebastian (Espanha), Arles, Nimes e Vic Fezensac (França), entre outras, saindo inúmeras vezes em triunfo.





1 | Joaquim Carlos, filho de Joaquim Isidro (Pampilho de Honra)

2 | Em 2001, da esquerda para a direita, a família Santos: Luís, Rui, Joaquim Isidro e Joaquim Carlos.

3 | Juntos na campinagem

4 | Atualmente: Joaquim Carlos, Luís e Rui, o bisneto de Joaquim Isidro, já com 20 anos.

Em 1971 passou a envergar colete com ferro da Casa Palha, onde ficaria a trabalhar (Herdade da Adema, Porto Alto) por 46 anos, até ao final da sua vida e no que mais gostava de fazer: na charneca ou na praça, a lidar com a bravura. Braço direito na Ganadaria, o maioral tratou com afinco o exigente maneio do gado bravo e a preservação da propriedade. Conhecedor dos animais, chegando a zelar por 500 cabeças, deixou a sua marca, inclusive quando, conforme o seu filho, também campino, recordou: “sugeriu, a certa altura, a aquisição de um determinado sangue novo que previu ser certo para elevar, ainda mais, a prestação da Casa”. Assim foi, acrescentaram-se inúmeras tardes de glória nas praças, temporadas sublimes, até aos dias de hoje.

Um Maioral à moda antiga

Viveu as épocas árduas do ofício, os dias tinham início às seis da manhã e término não muito definido, à mercê de duras condições climáticas que traziam mais adversidades, as mesmas que aguçavam o instinto de sobrevivência. Entre mantas, a sua cama foi, durante muito tempo, ao lado dos toiros. Muitos dias para transportar curros, à época em comboios, tal como apartar gado ou colocar brincos, exigiam muito mais, à luz dos recursos hoje disponíveis.

Gravada na memória da família, colegas e amigos fica a sua estimada participação nas festas tradicionais mais carismáticas, as que, na opinião de Joaquim Isidro, eram as mais castiças: Vila Franca de Xira, Azambuja e Santarém. Veio a ser, como nos reportou o filho, “o mentor” da famosa Festa da Sardinha Assada de Benavente, onde também este ano é homenageado. Quer nestas alturas quer nas praças houve tempo e ocasião para sustos, muitas “voltaretas” e quedas, mas, felizmente, nunca padeceu de acidente grave, não havendo memória de uma única fratura. Para tal também contribuíram algumas das suas montadas, companheiros de maior estimação como o “Valente”, o “Bethoven” e o “Verdasca”. Deste último, Joaquim dizia que “não era bom de assoar”, mas entre ambos havia um entendimento especial, o que não acontecia com mais ninguém.

Entre muitos episódios do seu percurso conta o seu filho que, certamente, o pai resgataria das suas memórias, a história do “Carrapito”, um toiro que deu trabalho num certo dia em que enjaulava um curro para França. Esse toiro deixou-se encaminhar somente 24 horas depois de todos os outros animais, mas viria a ser o mais bravo e um triunfador inesquecível. Deixou recordação ao ponto do seu filho ainda hoje, 25 anos depois, ser questionado, noutros países, se traz com ele outro igual ao “Carrapito”.



O mundo tauromáquico é feito de tradições e assim era Joaquim Isidro dos Santos. De feitio fácil e exímio nos seus deveres, também lhe era distinguido o respeito pela farda de campino. O aprumo revelava-se quando saía de casa para a festa trajado e, da mesma forma, voltava a entrar. Honrava e fazia respeitar o traje.

Reconhecido por todos quantos o conheceram recordam-no como um homem sério, com um amor pela profissão, que se manteve no final como no início.

Um legado em cinco gerações

Aos 91 anos foi tirado a todos e à Festa. Quis o destino que Joaquim partisse, num dia 17, como o do seu nascimento, em novembro do ano passado. Até lá, obedecendo à sua natureza destemida e aguerrida foi realizando todos os trabalhos que conseguia, montando até aos 80 anos. Foi percebendo, no entanto, que não devia desafiar a idade não fossem faltar os reflexos.

Para tratar de tudo, ficaram os seus descendentes que lhe seguem as pisadas, dando continuidade à tradição de família, ou não fizessem todos parte de um legado de cinco gerações de campinagem. O filho (Joaquim Carlos), o neto (Luís) e o bisneto (Rui) aplicam os ensinamentos deste mestre dos campos que

não descansou enquanto não os introduziu nas esperas de toiros do Colete Encarnado. Mais contente ficou quando o seu filho foi convidado a liderar estas Esperas, o que perdurou por oito anos. Faltou o bisneto, do qual já não teve tempo de presenciar a sua igual entrega à verdade do campo e dos toiros.

Visto como uma referência na Região, o momento solene - Pampilho de Honra -, que lhe é dedicado a 7 de julho deste ano, na Praça do Município é, segundo o seu filho, “merecido e uma honra para a família”.

Homenageado em vida, em Vila Franca de Xira, no ano de 1993, Joaquim Isidro será recordado no próximo sábado de Colete Encarnado, num sentido tributo, onde os seus pares de ofício expressam orgulho na pessoa e no contributo que este deu à figura ímpar do Campino.

Texto: Ana Sofia Coelho
Fotografia: Ricardo Caetano; gentilmente cedidas
pela família de Joaquim Isidro dos Santos
e arquivo CM VFX



Herdade da Galeana

hino à natureza;
paixão pelo toiro bravo

Numa propriedade alentejana de perto de 1000 hectares, encontra-se, desde 1944, uma das ganadarias portuguesas mais prestigiadas nacional e internacionalmente – a ganadaria Murteira Grave. Há 15 anos liderada por Joaquim Grave, tem vindo, após momentos mais difíceis, a recuperar o seu lugar de destaque, arrebatando vários prémios em Portugal e Espanha. Para este sucesso contribui certamente a paixão e entrega que o ganadero imprime à atividade, a que se dedica totalmente.



A raia a fronteira com o país de *nuestros hermanos*, em Granja, Mourão, Alentejo, encontramos a bela herdade da Galeana – nome de princesa árabe que diz a lenda se encantou por um aristocrata nórdico.

Nestes perto de 1000 hectares encontramos uma natureza resplandecente característica das paisagens alentejanas.

Em plena primavera, após um período de chuva abundante e depois de um inverno seco, revelam-se os tons verdejantes, pontuados de várias cores florais, sobressaindo o lilás da “Chupa mel”.

O espaço transporta-nos para a nossa intrínseca relação com a natureza, afastando-nos da urbanidade, da tecnologia e do stress. Ali, rede de telemóvel quase não entra e muito menos a internet. Somos nós e a terra. Nós e o perfume único que emana de um campo vibrante de flora e fauna únicas. Nós e os encantos de uma paisagem que transmite vida e tranquilidade.

Naquele campo de perder de vista, há um elemento que se destaca – um animal de beleza e porte únicos, que vive livre e ao sabor do seu ritmo e do que o *habitat* lhe proporciona – o toiro bravo. Um animal admirado pelo seu criador e proprietário daquelas terras.



Veterinário de formação, investigador de profissão e criador do toiro bravo por paixão, Joaquim Grave é um homem que se presente feliz e realizado por dedicar atualmente a sua vida àquele lugar e à (re)criação deste peculiar animal.

Herdou uma ganadaria de renome, que vinha atravessando um momento menos favorável. O objetivo foi imprimir o seu cunho pessoal e, 15 anos depois de assumir a função, conseguiu que a ganadaria entrasse num novo ciclo de sucesso. Nos anos mais recentes muitos têm sido os prémios que tem arrebatado no País e além-fronteiras.

Tal também foi o caso em Vila Franca de Xira, com um triunfo na Feira de Outubro do ano passado.

O Início

A Herdade da Galeana é o lugar que, há 74 anos, acolhe a ganadaria Murteira Grave. Joaquim Grave, o atual representante e proprietário, é neto do fundador, Manuel Joaquim Grave, e filho do homem que lhe deu nome e prestígio a partir de 1958, Joaquim Murteira Grave.

O início da ganadaria, em 1944, foi com reses compradas a José Lacerda Pinto Barreiros. Eram 25 vacas e um semental, ferradas com o selo “G”, de Grave, com procedência direta de Gamero Cívico (Parladé).

O neto pensa que na base da criação da ganadaria esteve a *afición* do avô. Conta que era um aficionado ortodoxo: “Ia à Feira de Sevilha quase todos os anos, quando ir a Sevilha era uma odisseia”. Mas sabe que o pai foi um grande impulsionador do empreendimento: “O meu pai é que o influenciou muito, numa altura em que estaria já na Universidade”.



*Toiro bravo nasce a monte
em seu folgado horizonte
ele julga sua sorte
mas um dia há-de chegar
em que terás de enfrentar
um desafio de morte*

*Assim ao entrares na praça
mostrarás nobreza e raça
imponente em teu valor
todo o teu orgulho encerra
o amor à tua terra
ao teu amo teu Senhor*

*Poema de Maria Tereza
(mãe de Joaquim Grave), 1987*



O grande artífice da ganadaria “Murteira Grave” é o meu pai

Após a morte do fundador, em 1955, a ganadaria anuncia-se com o nome dos seus herdeiros. Joaquim Murteira Grave passa a geri-la sozinho em 1958, ano em que compra o ferro atual (Espora) da *Unión de Criadores de Toros de Lúdia*, de Espanha. A aquisição do ferro a esta Associação dá-lhe o “passaporte” necessário para lidar naquele país.

Na impossibilidade de voltar a comprar a Pinto Barreiros, foi também a Espanha, comprar reses do mesmo encaste, para dar seguimento à ganadaria.

O atual gestor lembra-se do pai lhe dizer, era ele um cachopo, “vamos ser ganaderos à séria. Vamos a Espanha, compramos um ferro, compramos sementais, compramos vacas...”. E assim foi. “Lembro-me de ir a Sevilha com o meu pai comprarmos as primeiras vacas. Foram 12 novilhas e um semental - o Sargento, n.º 46. Foi aí que ele começou e me passou toda a inquietude de querer melhorar a investida dos toiros”.

As presenças da ganadaria por terras de Espanha começaram na década de 60. O auge da sua atividade foram os anos 80. Lidou-se “em todas as praças importantes do norte ao sul de Espanha”, refere Joaquim Grave.

Tem prémios de “Melhor Toiro” e “Melhor Corrida” em Madrid, Málaga, Bilbao, Pamplona. Houve “muitos prémios em praças importantes”. Também marcou presença na Feira de Santo Isidro, a feira mais importante de toiros que há. “Lidou-se lá muitos anos”, acrescenta o ganadero.

As duas praças que mais lidaram Murteira Grave foram Madrid (338 exemplares) e Évora, “a nossa terra”, com menos um ou dois. A última vez que lidou em Madrid foi em 2007.

Joaquim Grave salienta o grande trabalho que o pai realizou: “começou do zero e ainda hoje sinto o peso do seu nome, nomeadamente em Espanha. Essa é uma marca de muito valor”.

Murteira Grave hoje

Aos 80 anos, em 2002, Joaquim Murteira Grave decide parar a atividade de ganadero e fazer partilhas. Em outubro desse ano, a ganadaria é entregue a Joaquim Grave, que sempre teve fascínio pela atividade.

Quando se lhe pergunta que toiro é hoje o de Murteira Grave, começa por explicar que “uma ganadaria, para ter o nosso selo, têm de passar, pelo menos, 15 anos. Disse isso logo desde o primeiro ano. E, de facto, bate mais ou menos certo. Agora é que tenho toiros que são a minha escolha. Não são melhores, nem piores, são diferentes”.

Usando a expressão espanhola “El toro sale a su amo”, o que pretende de um toiro Grave é que, antes de ser bravo, seja um toiro, que pareça um toiro. “Que tenha harmonia, trapio; que imponha respeito; que seja um toiro sério. E depois, no comportamento, que seja bravo”. E quanto à bravura o ganadero sublinha que “para mim é um toiro que transmite emoção nas suas investidas. Tem que investir com raça, tem que transmitir essa raça.” No momento da seleção procura um animal que não passa de um lado para o outro só por passar. “O toiro tem que investir, que é diferente de passar. Porque, a um toiro que passa, o toureiro dá-lhe passes; mas a um toiro que investe, o toureiro tem que o dominar, que é diferente. Aí o toureiro tem que ter “mando” para levar o toiro para o trajeto que ele quer”.

Explica ainda que, na sua definição de bravura “o toiro tem que ser nobre, com ritmo, com raça, que repita, que humilhe e que dure tempo”.

Explicando não ser apenas nem pelo touro nem pelo toureiro, realça que procura um toiro que ponha todos de acordo. “Bom para o toureiro, porque lhe permite o êxito; bom para o ganadero porque investe com raça e emoção; bom para o público porque o diverte e, por tudo isto, bom para o empresário. É bom para toda a gente. É esse tipo de toiro que eu procuro”.



Temporada 2018

Na vida da ganadaria, sublinha que um dos momentos que mais aprecia é a divisão dos toiros para as corridas. “Quando chega Outubro e tenho os toiros de três anos todos juntos, é o momento de começar a dar farinha para os ter em boas condições para a temporada que se segue; é nessa altura que divido os toiros. Normalmente faço-o em três grupos: os toiros de 1.ª categoria, os de 2.ª e os de 3.ª, em função da morfologia deles”.

A genética também não é esquecida no momento de formar as corridas “para não pôr os ovos todos na mesma cesta. Divido aqueles em que tenho mais esperança, em função do semental. É dos momentos mais gratificantes para mim”, confidencia Joaquim Grave.

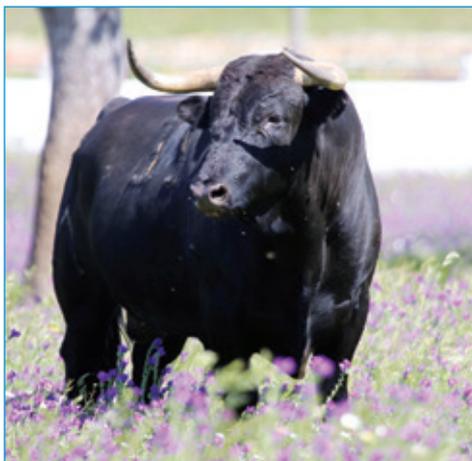
Para a temporada deste ano estão preparadas quatro corridas: duas para Portugal (Lisboa e Abiúl) e duas para Espanha (Tudela e Guadalajara).

Quatro corridas para uma temporada será escasso em termos económicos, mas prende-se com o facto de, o ano passado, se terem lidado muitos novilhos. “Quando são lidados em novilhos, depois não chegam a toiros”, explica Joaquim Grave.

Julho (Tudela), agosto (Abiúl e Lisboa) e setembro (Guadalajara) são os meses apontados para a entrada em arena, mas a preparação começa muitas semanas antes. “Os toiros que estão a preparar-se para as praças estão mais junto a casa (monte). Devem ser vigiados diariamente e mais de perto. A primeira coisa que faço todos os dias, quando me levanto, antes de tomar o pequeno almoço, é ir dar de comer aos toiros e assim aproveito para vê-los e averiguar se está tudo bem.”

Utilizo as viaturas para correr os toiros. “Não os corro com cavalos, porque como vendo muito toiro para Portugal, não quero criar nenhuma situação que seja semelhante ao que vão encontrar na arena. Corro-os três vezes por semana durante 10 minutos”.

Em plena primavera comem apenas erva. Quando secarem os pastos têm de comer farinha para terem o peso e porte necessários. Joaquim Grave refere que a maioria das ganadarias principais de Espanha, não criam o toiro assim. “Como têm que lidar logo nas Feiras no fim do Inverno, em março, charruam os cercados onde os toiros estão, só para que não comam erva. Comem apenas farinha com algo grosseiro, que é o que dá força ao toiro e o faz engordar mais rápido.



Receber pessoas para mostrar o que é o toiro bravo

A ganadaria Murteira Grave é das poucas no País que abre as suas portas para receber visitantes. O mentor da iniciativa foi Joaquim Grave, sob o olhar renitente do pai. Mas o atual representante da ganadaria sempre acreditou neste tipo de ações. “Acho este animal tão fantástico, tão fascinante, que deve ser conhecido pelo maior número de pessoas possível; além de que, pessoalmente, agrada-me receber pessoas”, justifica.

É o próprio ganadero que faz questão de se ocupar das visitas. “Faço todas como se fossem a primeira. Acho que ensinando a magia que tem este animal, posso ganhar algum aficionado. Pode ser ilusão, mas ficamos com essa impressão”.

Esta vertente, a que chama de “taurismo”, acontece de forma mais organizada há cerca de seis anos e com um investimento considerável. “Gastei aqui muito dinheiro para receber as pessoas da melhor maneira”. As visitas incluem um passeio pela herdade, visita à “sala de troféus” e um almoço exclusivamente confeccionado com ingredientes da região, num antigo celeiro, agora transformado em sala de visitas.

Uma corrida de toiros é a melhor metáfora da vida

A Tauromaquia nasce da guerra. Do treino do Homem com o toiro. Há quem defenda que os toiros bravos perduram na Península Ibérica porque aqui se esteve sete séculos em guerrilha com os Árabes e os nobres treinavam-se caçando toiros bravos. As corridas vêm do campo para a cidade, entrando nas praças de toiros no século XVIII.

Persistem passados mais de dois séculos e Joaquim Grave considera que “é um espetáculo que, no século XXI, não é parecido com nenhum outro”. Acrescenta que “a Tauromaquia se vai manter enquanto, na Praça, se defenderem valores que nós defendemos na rua: a solidariedade, a amizade, a coragem, a ética, o enfrentar os problemas de frente, o suplantar as dificuldades. Uma corrida de toiros é a melhor metáfora da vida. A vida também custa”, remata.

Para o ganadero o toiro representa o poder físico, a nobreza e a coragem. “Ser bravo, nobre e ter força. O Toiro tem essas qualidades que eu admiro e que me apaixonam”. Afirma que são esses fatores que o levam a uma praça, para além da investida do toiro. “Para o aficionado, entender um toiro é entender a sua investida”, explica.

Para além disso, considera que é uma fonte inesgotável de estética e de ética; artistas das mais variadas sensibilidades apaixonaram-se por este espetáculo.

Para Joaquim Grave, a vida é uma grande faena. “Vou a uma corrida de toiros basicamente por duas coisas: Para admirar a bravura de um toiro (algo que me emociona) e a valentia do homem. E a maneira como o homem suplanta as dificuldades que o toiro lhe põe é algo que me apaixonam”.

Texto: Susana Santos
Fotografia: Vitor Cartaxo
e Ganadaria “Murteira Grave”



Joaquim Grave refere que “o toiro tem uma vida pública que dura 20 minutos, numa arena; mas tem uma vida privada que são quatro ou cinco anos. E as pessoas só conhecem os 20 minutos. Eu gostava que as pessoas conhecessem a vida privada do toiro, que é muito interessante, e que ajuda depois a perceber a sua vida pública”.

Acredita que se deviam abrir mais portas das ganadarias, para que as pessoas conheçam melhor o toiro bravo. “Foi o que me levou a fazer isto, de uma forma muito romântica, reconheço”.

Romantismo à parte, a verdade é que, em 2016, recebeu mais de 1800 pessoas. O ano passado, cerca de 1550.

A grande maioria tem vindo de França, por intermédio de uma agência de viagens, mas também espanhóis e portugueses. Os interessados em fazê-lo devem utilizar os contactos no site de internet da ganadaria, em www.murteiragrave.com.pt.



Fundada há 12 anos, junta convívio à aposta na divulgação
da cultura tauromáquica

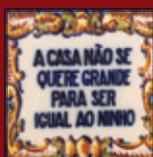
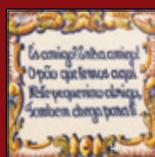
Tertúlia “O Aficionado”

O espírito da porta aberta

A paixão pela tauromaquia vem de longe. Vem de uma geração que, talvez mesmo sem pensar muito nisso, foi transformando um antigo local de conversa, de trabalho e de convívio, num espaço que hoje respira tradições. O espírito da porta aberta continua presente e, por isso, quando se pergunta se existem sócios, a resposta é rápida: “todos os vila-franquenses”.

A história da Tertúlia “O Aficionado”, localizada na Rua dos Varinos, pode ser contada em duas partes. Quem o explica é Maria Manuela Lima, proprietária do espaço e uma das almas do projeto. “No fundo, quando o meu pai aqui se reunia com os amigos, para tratar dos quadros e do mel, nos anos 70 e 80, este espaço já era um espaço de tertúlia, de reunião, de conversa e até de trabalho, já que o meu pai era apicultor nas horas livres. A paixão dele pela tauromaquia acompanhou-o sempre, foi inclusive secretário dos forcados nos anos 50. Foi sem dúvida um grande aficionado”.

A homenagem, não só ao pai de Maria Manuela, mas também a todos aqueles que vivem com emoção a festa brava, seria feita mais tarde, a 29 de junho de 2006, com a inauguração oficial desta tertúlia. “Essa é a segunda parte da história”, adianta Nelson Lima, esposo de Maria Manuela, que partilha tudo o que um casamento supõe partilhar com o acrescento da paixão pela tauromaquia. “Termos este gosto em comum ajuda, pois facilmente chegamos a consensos sobre esta matéria”, graceja Nelson, que aproveita o momento para chamar à conversa o cunhado, José Araújo. Tímido, diz-nos que não é de grandes falas ao mesmo tempo que garante concordar com tudo o que está a ser dito. Percebemos, durante a conversa, que José Araújo, profundo conhecedor da arte, é parte fundamental da fundação e do desenvolvimento da Tertúlia “O Aficionado”.





Exposições são marco na vida da Tertúlia "O Aficionado"



Os olhos, não só os de José Araújo como os de Maria Manuela e Nelson Lima, brilham quando o assunto passa a ser as três exposições que marcaram, até ao momento, a vida deste espaço. “Nunca quisemos que a nossa tertúlia fosse apenas um espaço de convívio, o objetivo é que seja também um espaço de divulgação da cultura tauromáquica”, explica-nos Maria Manuela. Nos 75 anos do Colete Encarnado, ao fim do primeiro ano de existência da tertúlia, o espaço recebeu uma exposição de homenagem ao criador da grande festa vila-franquense, José Van-Zeller Pereira Palha, “um visionário”, conforme destaca Nelson Lima. “Julgo que o Colete Encarnado foi a primeira festa, em Vila Franca de Xira, destinada exclusivamente ao trabalhador. Em 2010 foi a vez de “Um grito de emoção”, exposição que homenageou José Mestre Baptista 25 anos após a sua morte.

Entre estes dois momentos, em 2008, a exposição “Traje de Luces” é uma espécie de menina dos olhos dos fundadores desta tertúlia. “Foi uma oportunidade única”, recorda José Araújo, responsável por conseguir juntar neste espaço algo inédito “e que dificilmente voltará a acontecer”, adianta Nelson Lima. Grandes figuras mundiais da tauromaquia estiveram representadas nesta exposição, como Juan Belmonte ou Ignacio Sanchez Mejias.





Às gerações futuras, apenas um pedido

Mas nem só de passado se fala na Tertúlia “O Aficionado”. O futuro parece assegurado, “porque temos uma família com gente que gosta da tauromaquia e que vão começando a ganhar o gosto por este movimento tertuliano” explica Maria Manuela Lima. “Considero que as tertúlias têm um papel muito importante nas gerações mais novas, porque ajudam a passar não só a cultura tauromáquica, mas também os valores da partilha, do convívio, da porta aberta, do receber e estar disponível para o outro. É importante que os mais novos continuem a fortalecer o movimento tertuliano de Vila Franca”. Nelson Lima acrescenta que “nestas gerações mais jovens há as duas fações, há quem goste mais e quem goste menos, mas acredito que o futuro desta e de outras tertúlias está assegurado”.

Agarrados à lógica de quem vier, que venha por bem, os fundadores desta tertúlia deixam apenas um pedido aos seus familiares mais jovens. “Seja daqui a outros 12 anos, ou daqui a 20, 30 ou 50 anos, só pedimos que mantenham esta tertúlia sempre ligada a Vila Franca. Todos os objetos que aqui estão são de Vila Franca, com quatro exceções, mas também elas com ligação à nossa terra: dois cartazes em seda com o nome de José Júlio, um deles da Feira de Sevilha de 1960, e os cartazes das alternativas do maestro Mário Coelho e do maestro José Falcão”, explica Nelson Lima.

As três vozes unem-se, como um coro afinado, para a última frase da entrevista. Uma frase que dispensa mais palavras: “E Viva Vila Franca”.



Texto: Pedro Castelo
Fotografia: Helder Dias, Ricardo Caetano e gentilmente cedidas pela tertúlia



FEIRA ANUAL

VILA FRANCA
DE XIRA

4 a 14 out'18



38.º
SALÃO
DE ARTESANATO



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

TURISMO DE
PORTUGAL



Entidade Regional de Turismo
de Lisboa



Revisitando a Ganadaria Palha

Inaugurada no dia 30 de junho, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, a Exposição “Revisitando a Ganadaria Palha” estará patente até ao próximo dia 8 de julho coincidindo assim com o encerramento das Festas do Colete Encarnado. Esta exposição produzida pelo Museu Municipal de Vila Franca de Xira e comissariada pelo Maestro Victor Mendes, preencheu um lugar de destaque na 29.ª edição da Semana da Cultura Tauromáquica.

Nascida pelas mãos de António José Pereira Palha, em 1848, a Ganadaria Palha permaneceu até aos nossos dias no seio da mesma família. Nesta breve mostra expõem-se elementos representativos do seu percurso, permitindo um breve olhar sobre uma das mais antigas e importantes ganadarias portuguesas com uma forte projeção além-fronteiras. É no fundo, um vislumbre de um legado riquíssimo que se funde com a história da tauromaquia em Portugal.

Idalina Mesquita e Inês Rodrigues
Museu Municipal de Vila Franca de Xira

A Tauromaquia e a Arte do Ex-Líbris

Colecção da Família Escudero de Campos

Sob o Alto Patrocínio da Academia Portuguesa de Ex-Líbris

A Exposição *A TAUROMAQUIA e a Arte do Ex-Líbris* reúne um expressivo núcleo da *Colecção de Ex-Líbris da Família Escudero de Campos*, sugestivamente intitulada Taurocultura, iniciada em 1991 e a mais completa em Portugal - segunda, em grandeza, depois da célebre Colecção do Conde de Colomby -, dedicada a Manolo Escudero (1916-1973), aficionado e taurino irrepetível que devotou uma genuína, fraterna e afectuosa Amizade a Vila Franca de Xira, às suas gentes e ao Maestro José Júlio. Sob o Alto Patrocínio da Academia Portuguesa de Ex-Líbris, esta mostra evidencia-nos inesperadas produção e expressão artísticas de pequeno formato reveladoras de autores, escolas, estilos, técnicas e gostos, abarcando os últimos 150 anos da história do *ex-libris* e da Tauromaquia, enquanto página indelével da História da Arte, Cultura e Mentalidades.

Vítor Escudero
Vice-Presidente da Academia Portuguesa de Ex-Líbris e da Academia Nacional de Belas-Artes

Universo Taurino

Esta Exposição patente na Galeria do GART, vai ao encontro de uma filosofia multicultural na vertente tauromáquica. Desafiámos os nossos Artistas para uma interpretação muito própria do Universo Taurino, e das suas sensibilidades. Não é fácil viver neste mundo tão abrangente, onde se vivem determinadas emoções. No passado o toiro foi sempre visto como um animal mitológico, alvo de cultos religiosos, símbolo de fertilidade e virilidade. Assim sendo o homem ao aproximar-se dele, enfrenta-o tentando sempre apoderar-se das mesmas qualidades. A palavra Olé, esta expressão faz referência a uma interjeição espanhola do Árabe “Wa-llah”, evocando a Deus como fonte de beleza. No entanto por sugestão de Tomás de Aquino “A beleza é sempre participação do belo de Deus”. Por isso o significado etimológico da palavra “Olé” que quer dizer «Por Deus». O guardador de sonhos, homem do campo, será sempre uma referência da nossa querida Lezíria. O Campino exemplo vivo, sempre afeiçoado ao seu companheiro, o cavalo. Não temos dúvida que se tornou num símbolo mais empolgante do Ribatejo. Foi esta a mensagem que transmitimos aos GARTIANOS. Temos a certeza do sucesso.

Jorge Alexandre
Presidente do Gart

29 JUN/SEXTA-FEIRA21h00/**ESPETÁCULO****Tradições**

ORGANIZAÇÃO:

Ateneu Artístico Vilafranquense

Bilhetes à venda no Ateneu

Ateneu Artístico Vilafranquense

22h00/**CONCURSO INTERNACIONAL DE RECORTADORES**

Praça de Toiros “Palha Blanco”

30 JUN/SÁBADO10h00/**ROMAGEM****AOS 3 MAUSOLÉUS**

José Falcão

Mestre Baptista

Ricardo Silva (Pitó)

Concentração na Praça Afonso de Albuquerque (Largo da Câmara)

11h00/**TREINO DOS FORCADOS**

Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira

Praça de Toiros “Palha Blanco”

17h00/**INAUGURAÇÃO****DAS EXPOSIÇÕES****Revisitando a Ganadaria Palha**

Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

A Tauromaquia e a Arte do Ex-Líbris

Coleção da Família Escudero de Campos

Sob o Alto Patrocínio

da Academia Portuguesa de Ex-Líbris

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Universo Taurino

Exposição de Pintura, Fotografia e Escultura de Artistas do GART

Jardim Municipal Constantino Palha

22h00/**NOVILHADA**

Escola de Toureiro José Falcão

Praça de Toiros “Palha Blanco”

01 JUL/DOMINGO

10h00/18h00

TERTÚLIAS NA RUA

11h00/Abertura oficial

11h15/Apresentação do Roteiro das Tertúlias

11h45/Concerto com a Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense no Coreto

15h00/18h00/Animação Itinerante

Jardim Municipal Constantino Palha

02 JUL/SEGUNDA-FEIRA17h00/**VISITA AOS TOIROS****DAS ESPERAS**

Inscrições no Posto de Turismo, limitadas aos lugares disponíveis, a partir de dia 18 de junho)

Herdade da Adema

21h30/**COLÓQUIO****José Falcão - 50.º Aniversário de Alternativa**

Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

03 JUL/TERÇA-FEIRA18h00/**ESPERITA**

Simulação de espera de toiros com tourinhas e cavalinhos de pau para o público infantil

Rua Miguel Bombarda, Praça Afonso de Albuquerque (Largo da Câmara)

18h30/**AULAS ABERTAS**

Para o público infantil

Escola de Toureiro José Falcão e Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira

Praça Afonso de Albuquerque (Largo da Câmara)

21h30/**COLÓQUIO****O Toiro Bravo e a sua Importância para a Natureza**

Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

04 JUL/QUARTA-FEIRA16h00/**PINTAR A FESTA**

Oficina de pintura para o público infantil, com a temática “Colete Encarnado”

GART – Jardim Municipal Constantino Palha

21h30/**COLÓQUIO****Revisitando a Ganadaria Palha**

Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

05 JUL/QUINTA-FEIRA20h00/**JANTAR DE TERTÚLIAS**

Animação:

Grupo ‘Castro & Salgueiro’

Praça de Toiros “Palha Blanco”



29 JUN a
05 JUL'18

VILA
FRANCA
DE XIRA

XXIX SEMANA DA CULTURA TAUROMÁQUICA



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



Entidade Regional de Turismo
da Região de Lisboa



Turismo
de Lisboa